

Panorama dos Evangelhos



INTRODUÇÃO

No Panorama do Velho Testamento enfatizamos que o leitor da Bíblia deve começar pelo Antigo a fim de compreender o Novo. Isto dissemos porque a Lei e os Profetas são a base teológica sobre a qual os apóstolos e o próprio Cristo apoiarão seus ensinamentos.

Nunca é demais reafirmar que não entendemos as Escrituras como uma mera coletânea da “religiosidade” ou da “cosmovisão judaica” ou até mesmo da “tradição judaico-cristã”, mas como a revelação escrita de Deus. Sem dúvida os escritores da Bíblia viveram um contexto histórico, social e filosófico, mas entendemos que Deus os preservou e os inspirou exatamente para que a Sua revelação fosse isenta de tais influências. Da mesma forma como nós hoje em dia não estamos alheios à mídia, às diversas filosofias e estilos de vida humanos sem que isto determine nossa conformação ao padrão dominante, podemos estar certos de que aquilo que os autores da Bíblia escreveram estava isento de contaminações das vozes de sua época, exceto quando este registro tinha o propósito de denunciar exatamente a falácia da vida sem Deus (como é o caso, por exemplo, do livro de Eclesiastes).

Este ponto precisa ser enfatizado, sob pena de autorizarmos também o estudante da Bíblia a encarar os Evangelhos como “uma biografia tendenciosa do Jesus histórico”, os Atos como “a visão grega do cristianismo”, as epístolas como “a opinião de Paulo” ou dos demais apóstolos e assim por diante. O Novo Testamento não segue o pensamento filosófico nem corrobora as tendências do pensamento grego ou romano. Pelo contrário, ele se opõe frontalmente a doutrinas como o gnosticismo, o misticismo ou o ascetismo religioso, tão na moda nos dias dos apóstolos. Nós cremos que a Bíblia é a Palavra inspirada de Deus e que, apesar de ter usado homens com seus estilos pessoais e dentro de um período da História, seu registro é infalível e expressa o que Deus queria que soubéssemos sobre Ele e seu caráter.

Também vamos verificar claramente que o Deus do Novo Testamento é o mesmo daquele que vimos no Antigo. A encarnação do Verbo (João 1:14) não é o surgimento de uma nova divindade, que agora é só “paz e amor”. Todos os atributos de Deus (inclusive todos os que foram apresentados no Velho Testamento) serão vistos em Cristo. O Senhor Jesus não é “outro” Deus: é apenas a revelação maior do Eterno EU SOU. Sua ética e mandamentos não eram novos. O que Jesus faz é trazer a luz o espírito da lei que estava escondido na letra morta, a qual tinha sido a única coisa que os rabinos faziam questão de valorizar¹. Seu ensino é integralmente baseado nas mesmas leis do Velho Testamento, que os judeus tanto conheciam na frieza da sua religiosidade, mas que não os aproximava mais do coração de Deus.

Se Cristo é a melhor e mais completa revelação de Deus (Hebreus 1:3; Colossenses 1:15; João 1:1; 14:9), os Evangelhos são a mais completa revelação de quem é Jesus. Embora Cristo seja o Alvo e o Centro de todas as Escrituras (João 5:39), não há dúvidas de que os quatro primeiros livros do Novo Testamento são a apresentação mais aberta e franca da sua Pessoa maravilhosa. Em primeira mão, ali podemos nos assentar para ouvir seus sermões e parábolas, assistir extasiados aos seus milagres, sinais e manifestações de poder, participar dos acalorados debates entre o Mestre Divino e os mestres da lei, ouvir seus conselhos durante o treinamento dos Doze, sentar aos pés da Cruz e observar cada detalhe do Seu sacrifício pelos pecados do mundo.

¹ Por exemplo, o “novo mandamento” de amar uns aos outros não era uma novidade. Levítico 19:18 já o trazia. Mas a forma como Jesus explica o amor, exigindo, se necessário o sacrifício pessoal, trazia uma luz nova à questão. Outro exemplo disso está na crítica de Jesus à forma tendenciosa de interpretar o mandamento a respeito de honra aos pais (Marcos 7:11-13).

Não estamos diante da biografia de um grande homem, de um filósofo ou palestrante influente, por maior que tenha sido. Estamos diante do Verbo Eterno de Deus, aquele que é Deus desde o princípio e que agora se manifesta em carne para transformar a nossa História.

É, portanto, com um santo desejo de aprendermos mais sobre a gloriosa pessoa de nosso Senhor e Salvador que devemos nos aproximar destas páginas. Nossa abordagem sairá um pouco dos modelos tradicionais. Ao invés de estudarmos livro por livro, separadamente, vamos apresentar em blocos os vários momentos e aspectos da vida do Senhor Jesus: seu nascimento, sermões, parábolas, debates, milagres, sinais, sua Paixão, Sepultamento e Ressurreição.

Seja muito bem-vindo a mais um programa de estudos. Esperamos que este curso seja um agente de crescimento para sua vida cristã.

O PERÍODO INTERTESTAMENTÁRIO²

Depois de Malaquias, o povo de Israel viveu um longo período sem um único profeta de Deus. Não há Escrituras inspiradas durante aquele tempo. Por isso, algumas vezes este intervalo de 400 anos é chamado de “Anos de Silêncio”. Israel mergulha num momento de distanciamento de Deus ao mesmo tempo em que se torna religioso e formal.

Conhecer as mudanças no mundo e alguns aspectos do próprio povo de Israel nos ajuda a entender melhor a mensagem dos Evangelhos. Este é o mundo onde Jesus vai nascer. Alguns elementos que aparecerão agora, como por exemplo as seitas dos fariseus, saduceus e essênios, as sinagogas, entre outros, serão bastante presentes nas palavras e no ministério de Jesus. São elementos que não fizeram parte do Velho Testamento, justamente por terem surgido neste período intertestamentário.

1. Mudanças na Política Mundial

Conforme descrito em várias profecias que estudamos durante o Panorama do Velho Testamento, em particular as profecias de Daniel, os Impérios Mundiais se revezariam. A Assíria conquistou o Reino do Norte em 722 a.C. A Babilônia conquistou o Reino do Sul em 587 a.C. Depois disso, os Persas conquistaram a Babilônia (537 a.C.) e os Gregos conquistaram o império Medo-Persa (333 a.C.). Porém, pouco antes do nascimento de Jesus, os Romanos acabaram conquistando os gregos por volta do ano 63 a.C. Este é o império que controla o mundo nos dias do Novo Testamento.

2. Mudanças na política em Israel

Levantaram-se neste período alguns líderes libertários, como os Macabeus em 166 a.C., sob o domínio da Síria que se seguiu ao da Grécia, resultando na libertação da província da Judéia até a chegada dos romanos. Surgiram ainda no tempo dos Macabeus os Zelotes, que zelavam pela observância da lei de Moisés e odiavam todos os estrangeiros, usando violência e até assassinio contra eles (um dos discípulos de Jesus, Simão, pertencia a este grupo – Lc 6:15). Os romanos, visando evitar rebeliões e revoltas dos judeus, usaram a política de dar a eles uma relativa independência civil e religiosa. Designaram um rei, Herodes, sobre as províncias da terra de Israel (Judéia, Samaria e Galiléia), um governador romano (Pilatos). Como ambos eram estrangeiros, delegaram também relativa autoridade política ao Sumo-Sacerdote aprovado por eles, reconhecendo a importância do Templo e dos cerimoniais, com os seus responsáveis, na vida do povo. Havia, ainda, um partido

² Período Intertestamentário baseado em Richard D. Jones, com revisão e sugestões de Ademar Balbino de Souza Jr.

político, os herodianos, que apoiava a dinastia de Herodes (edomita, descendente de Esaú) e os costumes romanos que ela introduzia, para com isso conseguir vantagens para si mesmos e para o povo. Este partido é citado em textos como Marcos 3:6 e Mateus 22:16-18.

3. Mudanças na religiosidade em Israel

Com o reavivamento vivido no primeiro momento pós-exílico, sob a liderança de Ageu, Zacarias, Esdras, o sacerdote Josué e Neemias e, anos mais tarde, Malaquias, os judeus aparentemente abandonaram a tendência de seus pais à idolatria. Porém, passaram a dar mais valor aos aspectos externos da lei, ao formalismo e à religiosidade, sem uma verdadeira essência espiritual. O resultado foi igualmente desastroso. O povo se afastou de Deus, embora ainda o cultuasse cerimonialmente e fossem fanáticos por Sua Lei e ordenanças. Como conseqüência, alguns elementos aparecem no cenário:

- a) Surgiram vários movimentos e grupos, na medida em que se afastavam do espírito da lei de Moisés e acrescentavam seus próprios preceitos:
 - Os saduceus, seita formada por sacerdotes e anciãos do povo, provavelmente influenciados pelos costumes e filosofia durante a ocupação grega, negavam a existência de anjos e da ressurreição dos mortos.
 - Os fariseus (que se traduz “separatista”), seita popular no tempo do Senhor Jesus, teve origem desde o domínio sírio, quando se revoltaram contra a política pagã e se apegaram às Escrituras. Mas, com o tempo, suplementaram a lei escrita com as suas tradições, que acabaram por obscurecer ou mesmo invalidar a lei, “justificando” assim seu baixo padrão moral.
 - A seita dos essênios, não mencionada na Bíblia, que professava uma vida austera de separação do povo, e deixou vestígios nas cavernas do Mar Morto onde se encontraram muitos dos seus escritos, bem como porções das Escrituras.
 - Os escribas: antigamente haviam ocupado posições de destaque na administração pública da nação de Israel, como secretários de Estado, encarregados de preparar e emitir decretos em nome do rei e assumiam cargos importantes no governo. Eram os mestres do povo, especialmente no ensino da lei, sendo também escrivães e escritores. Nos tempos de Cristo exerciam a função de ensino, havendo entre eles os “doutores da lei”, aceitos como autoridades na interpretação da lei mosaica. Pertenciam à seita dos fariseus, mas eram uma classe à parte.
- b) A sinagoga (palavra grega que significa “assembleia”) é de origem desconhecida. Provavelmente tenha surgido nos tempos do cativo, quando os exilados se reuniam para a leitura da “Lei e dos Profetas”. Depois da volta do exílio elas se estabeleceram através da sua terra. Mesmo depois da reconstrução do templo, a sinagoga continuou sendo um elemento essencial na vida do povo. Elas mantiveram viva a esperança de Israel da vinda do Messias, e também serviram para preparar o caminho para a proclamação do Evangelho em outras nações, e foram o modelo para a administração e culto das igrejas cristãs primitivas. Ser “expulso da sinagoga” equivalia a ser “posto fora de comunhão” numa igreja cristã.
- c) A tradição dos fariseus, chamada Lei Oral, ou Mishna, foi colocada no papel (Talmude) no final do segundo século da era cristã. Este conjunto de interpretações orais passou a se tornar mais importante do que a própria Lei. Encontraremos Jesus referindo-se várias vezes a esta Lei Oral, como por exemplo no Sermão da Montanha (“ouvistes o que foi dito”, Mt 5:21;27; 31 etc.). Porém Ele sempre respeitou como lei de Deus a Lei dada através

de Moisés, colocando-a em contraposição clara à mera tradição judaica (Mt 15:1-9).

Este é o contexto em que se situa o Novo Testamento. Não é de admirar que o profeta tenha pronunciado que Jesus viria para “*povo que andava em trevas*” e “*na região da sombra da morte*” (Isaías 9:2). Tal era exatamente o estado em que se encontrava a nação de Israel quando Cristo veio ao mundo. Uma indicação clara deste fato é o grande número de endemoninhados que se encontrou com o Senhor durante seu ministério e dos apóstolos, demonstrando que a ação de Satanás era livre e desimpedida entre o povo. Vamos embarcar a partir desta semana na história que revolucionou esta história. O “Sol nascente das alturas” nasceu para dissipar a escuridão. A Luz do mundo veio brilhar. A confusão vai se desfazer. As coisas vão ficar claras. Um novo tempo vai surgir. Um Novo Testamento de Deus para o homem.

CARACTERÍSTICAS DOS EVANGELHOS

1. Comparativos: os Evangelhos Sinóticos

Ao ouvir esta expressão, nosso aluno não precisa se assustar: trata-se apenas de uma definição criada pelos estudiosos para se referir aos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas. Esta semelhança se refere aos assuntos e narrativas, não ao estilo e detalhes. Uma leitura atenta dos quatro Evangelhos denota que o de João tem uma abordagem diferente, ocupando-se em registrar longos discursos de Jesus, bem como uma série de encontros pessoais que Ele teve com alguns personagens (Felipe, Nicodemos, a mulher samaritana, o paralítico no tanque de Betesda, o cego de nascença etc).

Creemos que Deus inspirou cada um deles. Isso não quer dizer que ele tenha ditado palavra por palavra, mas que os levou, induziu, orientou, de acordo com a Sua soberana vontade e sabedoria, a anotar exatamente o que Ele queria que ficasse registrado.

Por outro lado, é preciso ter claro que a Bíblia também é um livro humano. No caso de Lucas, por exemplo, ele afirma ter feito uma “*acurada investigação dos fatos*” antes de escrever seu livro (Lucas 1:1-4). Isso pode explicar, humanamente falando, algumas das diferenças entre as narrativas do mesmo fato.

Todos eles, porém, são unânimes em apontar para Cristo como o Messias e Salvador. Nenhuma dúvida fica a esse respeito. É evidente que sua mensagem alcança a todo ser humano, revelando Cristo, o Emanuel Deus Conosco, o Verbo entre nós.

2. Estilos e Público-Alvo

Cada um dos autores tem uma preocupação em mente, o que caracteriza a escolha dos detalhes que insere na sua narrativa. Mateus escreve para leitores judeus, daí o grande número de citações do Velho Testamento, especialmente as profecias. Marcos se dirige aos gentios, especialmente os romanos, mais ligados em ação; em seu Evangelho Jesus está sempre em movimento. Há maior ênfase aos milagres e sinais do que ao registro de sermões e parábolas, por exemplo. Lucas dirige-se ao seu amigo Teófilo (Lc 1:3) e aos demais gregos. Sua obra é a mais depurada literariamente. João é o evangelista que mais universaliza a mensagem do Evangelho. Ele procura apresentar fatos que desconstruam a doutrina do gnosticismo, corrente em seus dias, apontando claramente para a origem divina e ao mesmo tempo humana do Messias e enfatizando os encontros pessoais onde Jesus assim se manifesta aos seus interlocutores.

Isso não quer dizer que a mensagem de cada Evangelho não seja válida para todos os seres

Introdução | O Período Intertestamentário | Características dos Evangelhos

humanos, em qualquer época. Como sabemos, a vida e obra de Jesus neles registradas têm alcançado e transformado a vida de milhões de pessoas em todas as culturas, ao longo de quase 2000 anos história.

Esta é a maior prova de autenticidade dos Evangelhos.